


Geossociolinguística e ensino: o grau diminutivo dos substantivos


Geosociolinguistics and teaching: the diminutive degree of nouns

Geosociolinguística y enseñanza: el grado diminutivo de los sustantivos

Thiago Leonardo Ribeiro¹

 0000-0001-6851-5615

Vera Maria Ramos Pinto²

 0000-0002-6891-6192

RESUMO: Os atlas linguísticos, originados de pesquisas geossociolinguísticas, contribuem para o ensino da língua materna, ilustrando e exemplificando a variação diatópica, diasssexual e diageracional (dentre outras) existentes. Neste artigo, abordamos os registros obtidos para o Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALINPPR (2021), especificamente a questão 5 do Questionário Morfossintático - QMS, sobre o grau diminutivo do substantivo. O presente estudo resulta numa possibilidade de uso de pesquisas sociolinguísticas para a humanização do trabalho gramatical em sala de aula, uma aproximação da universidade com a escola. Considerando que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende o trabalho com a variação linguística nos componentes de Língua Portuguesa dos ensinos Fundamental e Médio, respaldados por estudos de Bortoni-Ricardo (2021) e Ramos Pinto (2018), desenvolvemos atividades de ensino da norma gramatical levando em consideração a fala popular. Por exemplo, podemos perguntar qual o diminutivo de foto, e, com a carta linguística M6 – Fotinho, verificamos que a forma mais frequente é a feminina, entretanto, na gramática do português brasileiro, encontramos a forma masculina como a mais adequada. Assim, trabalhando com dados reais da língua e a norma linguística de prestígio em vigor, poderemos alcançar uma educação mais consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística; Variação linguística; Ensino.

ABSTRACT: The linguistic atlases, originated from geosociolinguistic research, contribute to the teaching of the mother tongue, illustrating and exemplifying the existing diatopic, diasssexual, and diagerational variation (among others). On this occasion, we will address the records obtained for the Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALINPPR (RIBEIRO, 2021), specifically about question 5 of the Morphosyntactic Questionnaire - QMS, on the diminutive degree of the noun. The present study results in a possibility of using

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela UEL. Professor de Língua Portuguesa da SEED/PR. Membro do Grupo de Pesquisa Leitura & Ensino. E-mail: thiagoleonardoribeiro@gmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL. Professora Adjunta da UENP/CJ. Líder do Grupo de Pesquisa Leitura & Ensino. E-mail: veramaria@uenp.edu.br

sociolinguistic research for the humanization of grammatical work in the classroom, an approximation between the university and the school. Considering that the National Curricular Common Base (BNCC) defends the work with linguistic variation in the Portuguese language components of Elementary and High School, supported by studies by Bortoni-Ricardo (2021) and Ramos Pinto (2018), we develop grammatical norm teaching activities taking into account popular speech. For example, we can ask what is the diminutive of *foto*, and, with the linguistic letter M6 – *Fotinho*, we verify that the most frequent form is the feminine, however in the grammar of Brazilian Portuguese, we will find the masculine form as the most adequate. Thus, working with real language data and the prestige linguistic norm in force, we will be able to achieve a more conscious education.

KEYWORDS: Geossociolinguistics; Linguistic Variation; Teaching.

RESUMEN: Los atlas lingüísticos, originados a partir de investigaciones geossociolinguísticas, contribuyen a la enseñanza de la lengua materna, ilustrando y ejemplificando la variación diatópica, diasssexual y diageracional existente (entre otras). En esta ocasión, abordaremos los registros obtenidos para el Atlas Lingüístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALINPPR (RIBEIRO, 2021), específicamente sobre la pregunta 5 del Cuestionario Morfosintáctico – CMS, sobre el grado diminutivo del sustantivo. El presente estudio resulta en una posibilidad de utilizar la investigación sociolingüística para la humanización del trabajo gramatical en el aula, una aproximación entre la universidad y la escuela. Teniendo en cuenta que la Base Común Curricular Nacional (BNCC) defiende el trabajo con variación lingüística en los componentes de lengua portuguesa de la Enseñanza Básica y Media, apoyado en estudios de Bortoni-Ricardo (2021) y Ramos Pinto (2018), desarrollamos actividades de enseñanza de normas gramaticales teniendo en cuenta el habla popular. Por ejemplo, podemos preguntar cuál es el diminutivo de *foto* y, con la carta lingüística M6 – *Fotinho*, verificamos que la forma más frecuente es el femenino, sin embargo, en la gramática del portugués brasileño, encontraremos la forma masculina como el más adecuado. Así, trabajando con datos lingüísticos reales y la norma lingüística vigente de prestigio, podremos lograr una educación más consciente.

PALABRAS CLAVE: Geossociolinguística; Variación Lingüística; Enseñanza.

Introdução

Entendemos que é a escola o local onde se deve instruir os alunos, falantes do português brasileiro, a serem “políglotas na sua própria língua”, conforme apregoa o gramático e filólogo Evanildo Bechara (2006).

Nesse viés, os atlas lingüísticos, frutos de pesquisas geossociolinguísticas, contribuem para o ensino da Língua Portuguesa (LP), ilustrando e exemplificando a variação diatópica, diasssexual e diageracional³ (dentre outras) existentes.

³ Variação entre as localidades, entre homens e mulheres, e entre mais jovens e mais velhos, respectivamente.



A Sociolinguística, como também a Dialetologia e a Geolinguística, tem papel relevante para a reflexão da LP, da teoria à práxis, possibilitando que alunos e professores encontrem formas de aprofundar o ensino-aprendizagem da língua materna, considerando, assim, a variação da língua e os fenômenos linguísticos em variação ou mudança.

Diante disso, acreditamos que o uso dos atlas linguísticos existentes, como o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB e os regionais, a exemplo dos Atlas Prévio dos Falares Baianos-APFB (ROSSI, 1963), Atlas Linguístico de Sergipe - ALS (FERREIRA; *et. al.*, 1987), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO; *et. al.*, 1977), Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico de Pernambuco-ALiPE (SÁ, 2013), Atlas Linguístico de Alagoas - ALEAL (BARBOSA DOIRON, 2017), constitui-se numa ferramenta de ensino que pode contribuir para a compreensão de que a nossa língua deve ser “[...] um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante no seu trato diuturno e jamais uma forma de discriminação, de estigmatização.” (PAIM; ALMEIDA, 2019, p.70).

Neste artigo, considerando os estudos de Ramos Pinto (2018), que prioriza a conscientização do futuro professor de Língua Portuguesa sobre a importância da abordagem da variação linguística no contexto escolar, apresentamos uma proposta de ensino de LP que visa à abordagem da variação linguística no contexto escolar, fazendo junção das concepções teóricas da Sociolinguística com as da Geolinguística, e dos estudos metodológicos resultantes da confluência de ambas as vertentes linguísticas, a Geossociolinguística (THUN, 1998).

Para tanto, utilizamos cartas linguísticas elaboradas com os dados obtidos sistematicamente em pesquisa empreendida por Ribeiro (2021), em sua tese intitulada *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná - ALiNPiPR*, e elaboramos atividades que propiciam a discussão da variação linguística, da variação diatópica e da variação semântico-lexical, concomitante com o estudo das flexões do substantivo em gênero, número e grau, neste trabalho, com ênfase, no grau diminutivo.

Ainda, por meio deste estudo, buscamos trabalhar a questão do preconceito linguístico, a fim de conscientizar os alunos sobre os muitos modos de falar a língua e o respeito às variedades linguísticas menos prestigiadas socialmente, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), documento norteador de ensino que propõe o trabalho com a variação linguística nos componentes de LP dos ensinos Fundamental e Médio.

Fundamentação

A Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua falada em um determinado contexto social, de acordo com a situação real de uso do falante. Suas áreas de interesse abrangem questões relacionadas ao aparecimento e à extinção linguística, ao contato entre diferentes línguas, ao multilinguismo, à variação e à mudança. Essa corrente linguística considera a língua uma instituição social, não podendo, portanto, conforme afirmam Cezário e Votre (2010, p. 141), “[...] ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.”

Já a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação tem como precursor William Labov e, como objeto de estudo, a variação da língua falada em uso em comunidades de fala.

Sabemos que língua e sociedade são indissociáveis, por isso a língua é um instrumento complexo, possui inúmeras possibilidades de manifestação e de uso. O homem é um ser subjetivo que gera essas possibilidades de linguagem e as utiliza em diversas situações.

Dessa forma, cada falante usa a língua da maneira que julga ser a mais apropriada para expressar o próprio pensamento, ou seja, ele o faz por uma questão de escolha. Faz-se necessário, então, analisar as relações existentes entre língua, sociedade e cultura, pois dependem das interações que ocorrem no seio da comunidade.

No cenário brasileiro da pesquisa linguística, a Sociolinguística Variacionista, segundo Freitag e Lima (2010, p. 38), “[...] é uma área muito produtiva, pois traz

contribuições significativas para o ensino de língua materna.”

Outra corrente linguística estudada, neste artigo, é a Geolinguística, um campo interdisciplinar compartilhado pela Linguística e a Geografia. É também conhecida com os nomes de Geografia Linguística e Geografia das Línguas. A Geolinguística ocupa-se de estudar as línguas no seu contexto geográfico.

Os estudos dialetais tiveram muito êxito com o método usado pela Geolinguística. Segundo Coseriu (1987), a metodologia de estudo usada pelos geolinguistas é a comparativa, possibilitando, assim, que conjuntos de formas linguísticas possam ser registrados, abarcando formas de níveis fônicos, lexicais e gramaticais.

Ademais, na investigação de temas ligados à variação, contamos, mais recentemente, com a confluência das metodologias da Geolinguística e da Sociolinguística, resultando no ramo denominado Geossociolinguística ou Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998). Essa, por sua vez, “combina a Dialetoлогия areal com a Sociolinguística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística.” (THUN, 1998, p. 4).

A esse respeito, destacamos a reflexão de Chambers e Trudgill (1994):

[...] Alguns dialetólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação linguística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante quanto a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 81-82).

Assim, os estudos dialetais e sociais contribuem para a composição dos dados das pesquisas geossociolinguísticas e dos atlas linguísticos. Silva Neto (1957, p.37) define os atlas linguísticos como “reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada [...]”. Essas cartas linguísticas registram as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas existentes em cada uma das regiões,

sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem, permitindo, dessa forma, a investigação da língua sob o enfoque dialetológico.

Obras como *O dialeto caipira* (AMARAL, 1920), *O linguajar carioca* (NASCENTES, 1922), *A língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1996) são as precursoras de estudos sobre a realidade linguística brasileira, inspiradoras dos primeiros atlas regionais, Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (ROSSI, 1963), Atlas Linguístico de Sergipe - ALS (FERREIRA *et. al*, 1987), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO *et. al*, 1977), Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984) e o Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994).

Esses trabalhos marcaram o início da Geolinguística no Brasil e permitem que entendamos como é grande a variação linguística do Português Brasileiro (PB) e possamos considerar, principalmente, dadas à dimensão territorial do nosso país, a região geográfica como fator impulsionador dessa variedade linguística, somada aos fatores sociais como o nível de escolaridade, a idade e o sexo dos falantes.

Conforme já mencionamos na introdução deste artigo, além do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO *et. al*, 2014) que possui dois volumes publicados, a literatura geolinguística conta com uma variedade de atlas linguísticos regionais e de pequeno domínio, e o Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná, o ALiNPiPR (RIBEIRO, 2021), usado para o ensino de LP, neste trabalho, é um dos mais recentes:

Metodologia

Em nosso estudo, empregamos pesquisa de cunho bibliográfico, à luz das concepções teóricas da Sociolinguística, da Dialetologia e da Geossociolinguística, embasadas em autores como Labov (1972, 2008); Chambers e Trudgill (1994), Coseriu (1987), Thun (1998), Cardoso (2010), Paim (2016), dentre outros.

Para o desenvolvimento da proposta de atividade em âmbito de estudos da língua portuguesa, visando à abordagem da variação linguística, enfatizamos a

variação diatópica e utilizamos a carta linguística extraída do Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná - ALiNPIPR, de Ribeiro (2021), a carta M6 que trata de variação morfossintática do diminutivo de foto, e estudamos, no campo morfossintático de variação linguística, as possibilidades da formação do diminutivo desse substantivo. As atividades propostas podem ser trabalhadas tanto nos anos finais do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Em sua pesquisa de doutoramento, Ribeiro (2021) seguiu o percurso metodológico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, juntando a visão diatópica à sociolinguística:

- rede de pontos: delimitamos a investigação de dez localidades de modo a abarcar todas as direções da mesorregião Norte Pioneiro do Estado Paraná: Sertaneja (1), Itambaracá (2), Jacarezinho (3), Assaí (4), Ribeirão do Pinhal (5), Carlópolis (6), Sapopema (7), Siqueira Campos (8), Pinhalão (9) e São José da Boa Vista (10);
- perfil dos informantes: sexo masculino e feminino, de 16 a 24 anos (faixa I), de 30 a 50 anos (faixa II), e de 60 a 80 anos (faixa III), sem Ensino Médio completo, morando no local a maior parte da vida;
- questionários linguísticos: 110 perguntas (ilustradas quando possível), distribuídas em: Fonético-Fonológico (40 questões), Morfossintático (14), Semântico-Lexical (54), Perguntas Metalinguísticas (2). Como base para a sua composição, recorreremos aos questionários do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) e ao Questionário para verificação do léxico na Rota do Café - QVLRC (RIBEIRO, 2017);
- realização de inquéritos linguísticos: entrevistamos 60 informantes entre janeiro e junho de 2019, resultando em aproximadamente 45 horas de gravação. A conversa tinha início com o preenchimento das fichas do informante e da localidade, com o gravador já ligado, continuando com questionamentos direcionados à obtenção de narrativas pessoais (origem familiar, pontos turísticos da localidade,

comida típica, feira agropecuária, curiosidades locais) e, em seguida, a aplicação do questionário; ao final era exposto o objetivo real da entrevista.

Análise

É sabido que a variação de uma língua ocorre em todos os níveis da gramática: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfológico e sintático (morfofossintático), e que a BNCC (BRASIL, 2017) propõe o trabalho com a variação linguística nos componentes de Língua Portuguesa dos ensinos Fundamental e Médio.

Diante disso, neste tópico, apresentamos proposta de ensino de LP, no campo morfofossintático, graus do substantivo, utilizando carta do ALiNPIPR (RIBEIRO, 2021), elaborada com base nos dados obtidos com a aplicação do instrumento de investigação dessa pesquisa geossociolinguística.

O trabalho com atlas linguísticos é um dos recursos didáticos muito ricos para o ensino da LP e vem ao encontro das proposições da BNCC (BRASIL, 2017) no que diz respeito às competências e habilidades do ensino da LP na educação básica como o reconhecimento das variedades da língua falada, concomitante ao ensino da norma-padrão.

O conteúdo desenvolvido é sobre grau do substantivo, especificamente, o diminutivo. Para a realização desta proposta de atividade, em que usamos carta linguística do ALiNPIPR, é necessário que, em aulas anteriores, o professor já tenha iniciado o estudo dos substantivos, suas flexões de gênero, número e grau e também ter abordado o assunto sobre a diversidade linguística brasileira, sobre a variação linguística.

Antes de iniciar a atividade, o professor deve explicar aos alunos o que é um atlas linguístico, questionar se eles conhecem algum atlas linguístico, pode também falar sobre o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), comentar com os estudantes sobre a existência de vários atlas linguísticos regionais e apresentar a eles o ALiNPIPR, o atlas que retrata a realidade linguística da mesorregião Norte Pioneiro do estado do Paraná.

Deve explicar o grau diminutivo dos substantivos e informar que irá usar a carta do ALiNPiPR para o estudo, discutindo as variantes linguísticas encontradas para o substantivo foto (questão 5 do QMS), mostrando a carta aos alunos.

Como exemplo do que podemos encontrar nas gramáticas sobre graus do substantivo, segue excerto de Cipro Neto e Infante (2008, p. 228-229):

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. sintético – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato ratoão (aumentativo sintético) ratinho (diminutivo sintético)

b. analítico – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato rato grande (aumentativo analítico) rato pequeno (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão partidão bandidaço mulheraço
livrinho ladrãozinho rapazola futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Questionado sobre o diminutivo de moto e foto, o gramático Cláudio Moreno (2004, p. 10) explica:

O elemento -zinho funciona como uma espécie de adjetivo preso ao vocábulo primitivo, mantendo com ele a mesma relação de concordância que os adjetivos mantêm com os substantivos: um cometA, um cometazinhO; um poemA, um poemazinhO; uma tribO, uma tribozinhA. O elemento -inho, no entanto, funciona como um sufixo especial, que conserva o A ou o O final do vocábulo primitivo, independentemente do gênero ser masculino ou feminino: um poemA, um poeminhA; um cometA, um cometinhA; uma tribO, uma tribinhO; um sambA, um sambinha.

Como são poucos os substantivos femininos terminados com -o, é natural esse estranhamento. Portanto, ao formarmos o diminutivo de foto com -inh, temos a fotinho; usando -zinh, fica a fotozinha.

Confirmando o fato gramatical, a Academia Brasileira de Letras - ABL, em

2015, ao ser indagada sobre o diminutivo de “uma foto”, manifestou-se da seguinte maneira: “Prezado consulente, o diminutivo de foto pode ser fotinho ou fotozinha. ‘Um caderno com muitas fotinhos’ ou ‘Um caderno com muitas fotozinhas’” (ABL, 2016)⁴.

Como observado, pesquisamos em gramáticas e livros didáticos a formação de diminutivos dos substantivos, e podemos afirmar que, em sua maioria, apenas verificamos o acréscimo dos sufixos –inh e –zinh, sem menção a três casos excepcionais. Possivelmente, devido a essa ausência de abordagem às poucas palavras femininas terminadas em -o (a foto, a moto) e masculinas terminadas em -a (o pijama, o cinema), é que passamos a produzir a variante fotinha, em concordância com seu gênero feminino. Além do que, fotografia é palavra feminina e a forma reduzida é foto, portanto a analogia pode ser feita com a forma primitiva.

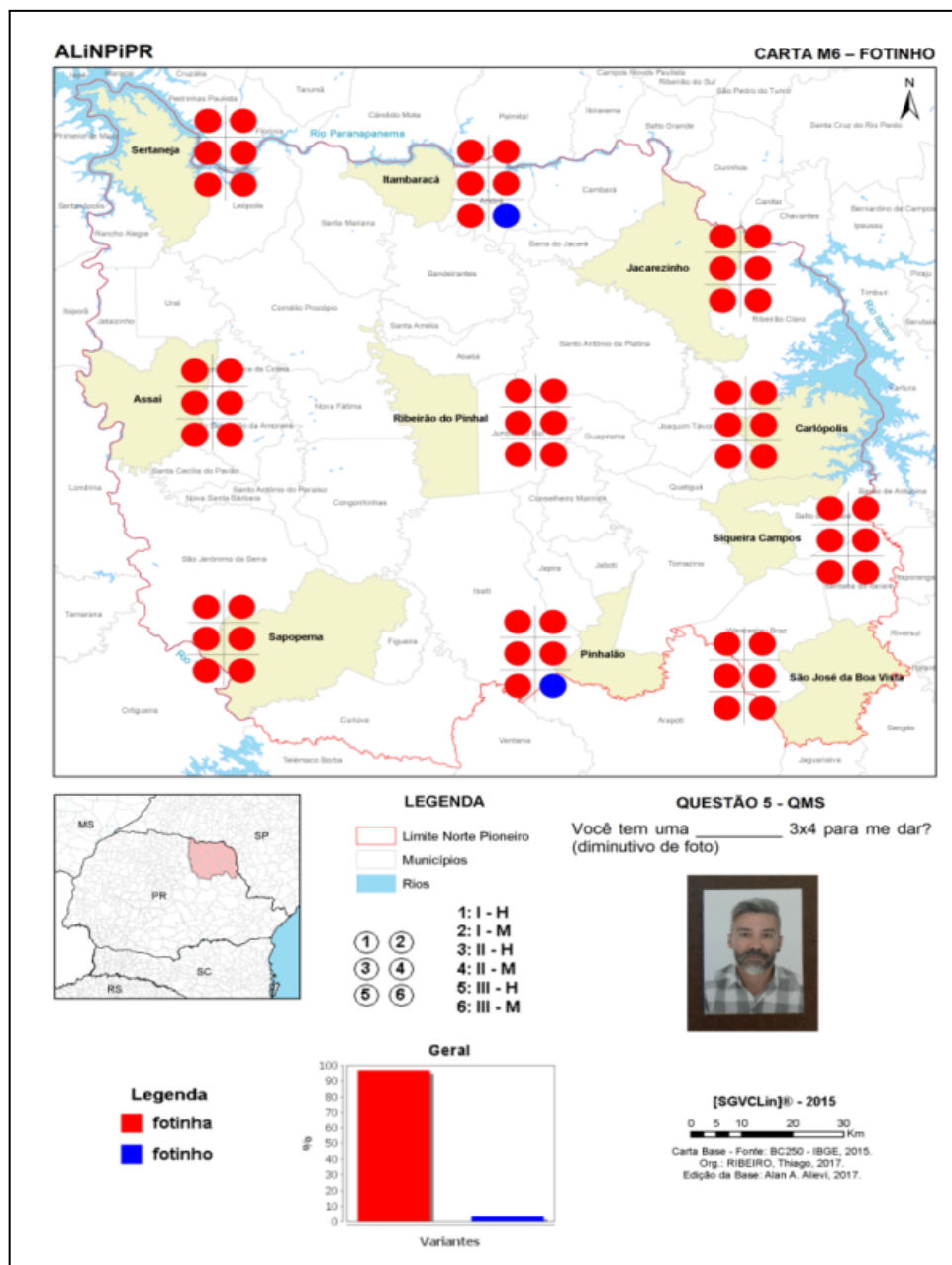
Sendo assim, o professor pode se valer do enunciado dessa questão para iniciar o trabalho e em seguida mostrar a carta linguística elaborada com as respostas dos informantes: “Você tem uma _____ 3x4 para me dar? (diminutivo de foto)”. Completando a questão, os informantes registraram as designações fotinha e fotinho, com 58 ocorrências da primeira e duas da segunda.

Figura 1 – Carta M6 - Fotinho⁵

faixa etária variantes	Faixa I	Faixa II	Faixa III	
fotinha	20 (100%)	20 (100%)	18 (90%)	58
fotinho	-	-	2 (10%)	2
ocorrências	20	20	20	60

⁴ Informação divulgada pelo site dicionarioagramatica.com.

⁵ A foto 3x4 utilizada na carta linguística é do próprio autor.



Fonte: ALINPiPR (RIBEIRO, 2021)

Assim, inferimos que 96,67% dos informantes empregam a forma diminutiva da palavra foto, mesmo usando o sufixo -inh, mantendo seu gênero feminino, quando deveria, segundo a gramática, manter a vogal final -o. Apenas duas informantes mulheres de mais idade é que produziram a variante padrão.

O grande uso da forma não padrão aponta que estaríamos diante de um

processo de mudança linguística.

Após a visualização da carta, podem ser trabalhados os seguintes exercícios de fixação:

1. De acordo com os dados do ALiNPIPR, quantas variantes foram encontradas na região?

Resposta esperada: Duas, as formas *fotinha* e *fotinho*.

2. Como você nomeia a forma diminutiva de foto?

a) fotinha b) fotinho c) fotozinha d) foto pequena e) não sabe

Resposta esperada: resposta livre.

3. Tendo como base a carta M6 do ALiNPIPR, que representa os dados obtidos com a questão 5 do QMS (que trata do grau diminutivo do substantivo foto), qual a forma majoritária registrada?

Resposta esperada: *Fotinha*.

4. Segundo a norma-padrão, como se forma o diminutivo do substantivo *foto*?

Resposta esperada: *Fotinho*.

5. Considerando a Carta M6 do ALiNPIPR, em quantas localidades aparecem a variação popular dominante?

a) 1 b) 3 c) 5 d) 10 e) nenhuma.

Resposta esperada: Ao desenvolver a habilidade de leitura de gráficos e tabelas, aí incluímos a carta linguística, o estudante observará o registro da variante *fotinha* nas dez (10) localidades, sendo a única forma produzida em oito (08) localidades.

São muitas as possibilidades de atividades que podemos propor usando o ALiNPIPR para o estudo da LP e suas variedades, principalmente, sobre o modo de falar de pessoas de diferentes regiões, em um mesmo estado, como o Paraná e sua mesorregião Norte Pioneiro. O estudo do grau diminutivo apresentado é apenas uma dessas atividades.

Conclusão

Considerando o exposto, acreditamos que, nas aulas de LP, conteúdos gramaticais podem ser abordados usando os atlas e suas cartas linguísticas, otimizando e motivando, assim, a abordagem da variação linguística, uma vez que é possível explorarmos os vários níveis de variação interna, como também os fatores externos de variação, como os do ALiNPIPR, região, sexo, idade, os quais contribuem para que a variação aconteça.

Desse modo, esperamos contribuir para a abordagem da variação linguística nas aulas de LP no ensino básico, sobretudo, as de ordem diatópica, por meio de atividades que levem o aluno a refletir sobre os muitos modos de falar a língua, sobre a diversidade linguística existente na língua portuguesa, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, de forma consciente e sem preconceitos.

Nesse sentido, concordamos com a afirmação de Paim (2016):

O trabalho com os atlas linguísticos na sala de aula propiciará um melhor equacionamento do ensino aprendizagem à realidade de cada região, uma vez que, descritas as peculiaridades de cada área e caracterizada a variedade de uso da língua ali dominante, pode-se construir um modelo de ensino do vernáculo mais eficaz com o uso dos dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil. (PAIM, 2016, p.82-83).

Desta feita, mostrando dados reais da língua e contrastando-os com a norma linguística de prestígio em vigor, poderemos alcançar uma educação linguística mais consciente, preparando nossos alunos para adequar sua linguagem conforme a situação social desejada: conversa com amigos, bilhete, e-mail, redação escolar, ENEM, etc.

Assim, o presente estudo resulta numa possibilidade de uso de pesquisas sociolinguísticas para a humanização do trabalho gramatical em sala de aula, uma aproximação da universidade com a escola.

Referências

- AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Hucitec, Brasília, INL, 1920.
- ARAGÃO, M. do S. S. de.; BEZERRA DE MENEZES, C. P. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- BARBOSA DOIRON, M. P. *A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL)*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Brasil, e Université Grenoble Alpes, França, 2017.
- BECHARA, E. *O ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. da S.; et. al. (org.). *Atlas Linguístico do Brasil: volume 1 – Introdução*. Londrina: Eduel, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. da S.; et. al. (org.). *Atlas Linguístico do Brasil: volume 2 – Castas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2014b.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialetologia*. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da língua Portuguesa*. São Paulo:

Scipione, 2008.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. *A geografia linguística*. In: *El hombre y sulenguaje*. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FERREIRA, C.; et. al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FREITAG, R. M. K; LIMA, G. O. S. *Sociolinguística*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/324969198_Sociolinguistica/links/5aeda9dca6fdcc8508b8041c/Sociolinguistica.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MORENO, C. *Guia prático de português correto - Morfologia (Vol. 2)*. [s.l.]: L&PM Editores, 2004.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

PAIM, M. M. T. Variação e ensino no atlas linguístico do Brasil. *Revista Línguas & Letras*, Cascavel-PR, v.17, n. 35, p.71-85, 2016. Disponível em:
<https://e-revista.unioeste.br/index.php/%20linguaseletras/article/view/12576/10617>. Acesso em: 20 set. 2022.

PAIM, M. M. T.; ALMEIDA, L. C. B. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de língua portuguesa. *Revista Primeira Escrita*, Aquidauana-MS, n. 6, p. 169-177, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/8417>. Acesso em: 20 set. 2022.

QUAL O diminutivo de foto: uma fotinho ou fotinha? *Dicionarioegramatica.com*, 2016. Disponível em:
<https://dicionarioegramatica.wordpress.com/tag/o-diminutivo-de-foto-e/?iframe=true&preview=true/feed/>. Acesso em: 15 set. 2022.

RAMOS PINTO, V. M. *Por uma educação sociolinguística consciente nos cursos de Letras*. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220965>. Acesso em: 30 set. 2022.

RIBEIRO, J.; *et. al.* *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, T. L. *A variação lexical na Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no norte do Estado do Paraná*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2017. Disponível em: [http://www. http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000225819](http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000225819). Acesso em: 30 set. 2022.

RIBEIRO, T. L. *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná - ALiNPiPR*. 2021. 2 v. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000236796>. Acesso em: 30 set. 2022.

ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

THUN, H. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica*. Los montevidianos em Rivera. New Wege der Romanischen Geolinguistic: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz 21-24, 10.1991) Kiel: Westensee-Verl, 1998.

*Recebido em: 30 set. 2022.
Aprovado em: 21 fev. 2023.*

*Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista
Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*

